

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE PEDAGOGIA**

FELANDA SAINT- JUSTE

**CRIANÇAS IMIGRANTES EM CONTEXTOS DE EDUCAÇÃO INFANTIL:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E DIVERSIDADE ÉTNICO RACIAL**

**TIMOUN IMIGRAN NAN KONTÈKS EDIKASYON YO:
PRATIK PEDAGOJIK AK DIVÈSITE ETNIK AK RASYAL**

CHAPECÓ

2026

FELANDA SAINT- JUSTE

**CRIANÇAS IMIGRANTES EM CONTEXTOS DE EDUCAÇÃO INFANTIL:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E DIVERSIDADE ÉTNICO RACIAL**

**TIMOUN IMIGRAN NAN KONTÈKS EDIKASYON YO:
PRATIK PEDAGOJIK AK DIVÈSITE ETNIK AK RASYAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof. Dra. Andréa Simões Rivero

CHAPECÓ
2026

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Juste, Felanda Saint

CRIANÇAS IMIGRANTES EM CONTEXTOS DE EDUCAÇÃO
INFANTIL:: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E DIVERSIDADE ÉTNICO
RACIAL NA PRODUÇÃO TEÓRICA / Felanda Saint Juste. --
2026.

36 f.

Orientadora: Dra. Andréa Simões Rivero

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em Pedagogia, Chapecó, SC, 2026.

1. Educação Infantil; Crianças Imigrantes; Práticas
Pedagógicas; Pluralidade Étnico-Racial; Revisão de
Literatura.. I. Rivero, Andréa Simões, orient. II.
Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

FELANDA SAINT- JUSTE

**CRIANÇAS IMIGRANTES EM CONTEXTOS DE EDUCAÇÃO INFANTIL:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E DIVERSIDADE ÉTNICO RACIAL**

**TIMOUN IMIGRAN NAN KONTÈKS EDIKASYON YO:
PRATIK PEDAGOJIK AK DIVÈSITE ETNIK AK RASYAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 25/06/2026.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **ANDREA SIMOES RIVERO**
Data: 10/07/2026 14:16:31-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a. Andréa Simões Rivero – UFFS
Orientadora

Documento assinado digitalmente
 **RENILDA VICENZI**
Data: 10/07/2026 10:15:57-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr.^a. Renilda Vicenzi – UFFS
Avaliadora

 Documento assinado digitalmente
Rubia Vanessa Vicente Demetrio
Data: 10/07/2026 11:17:15-0300
CPF: ***.156.989-**
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof. Dr.^a. Rúbia Vanessa Demétrio – UFSC-NDI
Avaliadora

Dedico este trabalho a todas as crianças migrantes, em especial ao meu irmão, esses futuros brasileiros, para que nunca lhes falte giz, nem chão, nem sonho, na construção de sua educação.

AGRADECIMENTOS

Ao longo dessa trajetória, também encontrei pessoas que se tornaram fundamentais para que eu pudesse seguir em frente. Sou profundamente grata ao Bachelor Louis e sua esposa Elisandra Tamanho De Oliveira, que estiveram ao meu lado nos momentos mais desafiadores desta caminhada, oferecendo apoio, acolhimento, incentivo e a certeza de que eu não estava sozinha. Com o passar do tempo, os laços construídos se transformaram em uma relação de afeto, cuidado e confiança que levarei para além da vida acadêmica. Registro igualmente minha gratidão à professora Andréa Simões Rivero, cuja presença foi essencial desde as experiências vividas no estágio até a concretização desta pesquisa. Sua escuta atenta, paciência, sensibilidade e compromisso com a educação contribuíram não apenas para o desenvolvimento deste trabalho, mas também para minha formação como pedagoga. A todas essas pessoas, que acreditaram em mim e caminharam ao meu lado durante este percurso, deixo meu sincero agradecimento.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso articula minha trajetória como estudante imigrante haitiana ao processo de formação em Pedagogia e à futura atuação como professora. Diante do aumento dos fluxos migratórios na região Sul do Brasil, a pesquisa problematiza o acolhimento de crianças imigrantes negras, latino-americanas e caribenhas nos contextos da Educação Infantil. O objetivo geral é analisar, na produção teórica da área de Educação Infantil, as propostas de educação e cuidado direcionadas às crianças imigrantes, com foco nas práticas pedagógicas e na valorização da diversidade étnico-racial. Realiza-se um levantamento da produção teórica na base de dados do Portal de Periódicos da CAPES (2015–2025), na qual 10 artigos científicos são selecionados para análise crítica. Os achados revelam que as barreiras linguísticas e o silenciamento da língua materna geram exclusões, afetando o pertencimento das crianças ao contexto educativo. Além disso, enfatizam a importância do acolhimento das famílias, da escuta das crianças e da valorização de suas referências culturais como elementos fundamentais para a construção de práticas pedagógicas mais inclusivas. Ademais, constatou-se que a experiência migratória é indissociável das questões étnico-raciais, evidenciando que manifestações de racismo, xenofobia e a lógica da branquitude atravessam o cotidiano das instituições de educação infantil. Foi possível identificar também que perspectivas interculturais e antirracistas vêm sendo apontadas pela produção acadêmica como caminhos para o reconhecimento das diferentes infâncias presentes na Educação Infantil. Conclui-se, a partir do conjunto de trabalhos analisados, que o acolhimento e a representatividade cultural ainda dependem, em grande medida, de esforços individuais de docentes, explicitando lacunas na formação de professores e a urgência de políticas institucionais que articulem o educar e o cuidar ao reconhecimento das múltiplas infâncias.

Palavras-chave: educação infantil; crianças imigrantes; práticas pedagógicas; pluralidade étnico-racial; levantamento da produção teórica.

ABSTRACT

This Final Course Project explores my journey as a Haitian immigrant student pursuing a degree in Education. In light of the increase in migration flows in southern Brazil, this research examines the reception of foreign children in early childhood education settings. The overall objective is to analyze, within the theoretical literature of early childhood education, proposals for education and care directed at immigrant children, with a focus on pedagogical practices and the promotion of ethnic and racial diversity. Methodologically, the study conducts a qualitative literature review using the CAPES Journal Portal database (2015–2025), selecting 10 scholarly articles for critical analysis. The results indicate that inclusion goes beyond access to enrollment. The studies reveal that language barriers and the suppression of the mother tongue lead to exclusion, affecting children's sense of belonging within the educational context. Furthermore, they highlight the importance of welcoming families, listening to children, and valuing their cultural references as fundamental elements for the development of more inclusive pedagogical practices. Furthermore, it was found that the migratory experience is inseparable from ethnic and racial issues, highlighting that manifestations of racism, xenophobia, and the logic of whiteness permeate everyday school life. It was also possible to identify that intercultural and anti-racist perspectives have been highlighted in academic literature as pathways toward recognizing the diverse childhood experiences present in early childhood education. We conclude that cultural inclusion and representation still depend, to a large extent, on the individual efforts of teachers, highlighting gaps in teacher training and the urgent need for institutional policies that integrate education and care with the recognition of multiple childhoods.

Keywords: early childhood education; immigrant children; teaching practices; ethnic and racial diversity; literature review.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 - Artigos científicos selecionados para análise.....	26
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAPES	Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEIM	Centro da Educação Infantil
DCNEI	Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Infantil
SC	Santa Catarina
UFFS	Universidade Federal da Fronteira Sul
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo
UNOCHAPECÓ	Universidade Comunitária da Região de Chapecó
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFGD	Universidade Federal da Grande Dourados
GEPSI	Grupo de Estudos e de Pesquisas em Segurança Internacional
UFMT	Universidade Federal de Mato Grosso

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	APROXIMAÇÕES À TEMÁTICA.....	21
3	PERCURSO METODOLÓGICO.....	25
4	A EDUCAÇÃO E O CUIDADO DE CRIANÇAS IMIGRANTES E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: QUAIS OS ACHADOS DA PRODUÇÃO TEÓRICA?.....	30
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
	REFERÊNCIAS.....	40

1 INTRODUÇÃO

Meu nome é Felanda Saint Juste, tenho 26 anos e sou natural do Haiti. Escrevo este trabalho a partir das minhas memórias, dos meus deslocamentos e das experiências que me constituíram como mulher, estudante e futura educadora. Minha trajetória não começa na universidade, ela começa muito antes, em um território marcado por desafios, mas também por resistência, afeto e pela crença na educação como possibilidade de transformação.

Nesse sentido, é importante destacar que minha trajetória também se insere em um contexto mais amplo de mobilidade humana. Conforme apontam estudos do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), segundo as autoras Ghiggi e Coutinho (2022, p.2) a migração pode ser compreendida como um deslocamento geralmente voluntário em busca de melhores condições de vida, enquanto o refúgio ocorre quando a saída do país de origem é forçada por situações de risco e vulnerabilidade. Embora minha experiência tenha suas especificidades, ela dialoga com esse cenário mais amplo de deslocamentos contemporâneos, que impactam diretamente as vivências educacionais de crianças e famílias migrantes.

Nasci e cresci no Haiti, onde tive minhas primeiras experiências escolares. Minhas memórias da escola são atravessadas por esforço, disciplina e, sobretudo, por esperança. Mesmo diante de limitações estruturais, aprendi desde cedo que estudar era um caminho possível para construir um futuro melhor. Grande parte dessa compreensão foi construída a partir da minha mãe, ROSELINDA AVRIL. Ela estudou até o início do ensino médio, mas sempre acreditou profundamente na educação como aquilo que poderia abrir caminhos onde antes não havia. Mesmo sem grandes condições financeiras, fez escolhas que marcaram minha trajetória: fez questão de me matricular em uma das melhores escolas particulares da cidade, reconhecida pela qualidade do ensino. Para ela, estar em um espaço onde o ensino era valorizado poderia impactar diretamente o meu futuro e abrir caminhos para o ensino superior.

O investimento na minha educação foi, para minha mãe, um ato de coragem e de amor. Mesmo diante das dificuldades, ela sempre me dizia que o único legado que poderia me deixar era a educação. Essa frase, que carrego comigo, se tornou um princípio na minha vida. Mais do que palavras, ela transformou essa crença em prática, insistindo, persistindo e fazendo o possível e, muitas vezes, o impossível para que eu tivesse acesso a uma formação de qualidade.

Também carrego comigo a força da minha família. Minha avó, ROSE HÉLÈNE AVRIL, uma mulher letrada e muito consciente da importância dos estudos, e minha prima, FAVRILINE FAYETTE, que esteve ao lado da minha mãe, trabalhando sem receber nada em troca, contribuíram diretamente para que eu pudesse seguir estudando. Na minha família, a educação nunca foi negociável, era um compromisso coletivo. Todos colocaram a mão na massa para que eu pudesse continuar estudando.

Foi sustentada por essa rede de cuidado e foi por essa crença que, em dezembro de 2019, deixei meu país com o objetivo de continuar meus estudos. Minha vinda ao Brasil não foi apenas um deslocamento geográfico, mas um movimento carregado de sonhos, expectativas e responsabilidades. Eu não carregava apenas os meus sonhos, mas também os sonhos de quem caminhou comigo até ali.

Ao chegar ao Brasil, minha experiência também passou a ser atravessada pela língua e pela cultura. O português, que para mim não era a língua da minha infância, passou a ser uma necessidade no cotidiano. Segundo a revisão de literatura intitulada “Crianças migrantes e refugiadas nas pesquisas em Educação Infantil” (2022, p. 8-9), são recorrentes situações como “a discriminação linguística, a desvalorização da língua materna e a imposição do uso do português” evidenciando desafios vividos por sujeitos migrantes. Nesse processo, muitas vezes, a língua que carregamos da nossa terra acaba sendo deixada de lado, o que pode impactar não apenas a comunicação, mas também a forma como nos sentimos pertencentes aos espaços.

No entanto, ao chegar aqui, a realidade se impôs de forma intensa. Aos poucos, fui percebendo que eu já não era mais aquela menina que vivia no Haiti, protegida e guiada pela presença constante da minha mãe. Mesmo com sua presença no Brasil, houve um momento em que compreendi que, a partir dali, o caminho precisava ser construído por mim. Era eu por mim.

Foi como se, ao colocar os pés neste novo território, eu entendesse que o esforço da minha mãe tinha me trazido até ali, mas que, daquele ponto em diante, cabia a mim seguir. Eu precisava me reinventar, aprender a me virar, enfrentar os desafios e correr atrás do sonho que me fez deixar meu país. Esse entendimento não veio sem medo, mas veio com força, porque eu sabia que não podia deixar essa trajetória perder o sentido. Eu precisava fazer valer a pena por mim, pela minha mãe, pela minha família e por tudo o que ficou para trás.

Esse processo não foi simples. Além das barreiras linguísticas e culturais, enfrentei situações marcadas pelo preconceito racial e pela xenofobia. Em alguns momentos, minha presença foi questionada na universidade, como se eu não pertencesse a esse espaço, como se

minha vaga na universidade não fosse um direito meu, como se meu esforço não fosse reconhecido. Essas experiências, embora dolorosas, evidenciam como o racismo opera na tentativa de deslegitimar trajetórias como a minha.

Nesse contexto, a xenofobia refere-se ao preconceito direcionado às pessoas estrangeiras, enquanto o racismo está relacionado às discriminações baseadas em características raciais. Como afirmam Santos (2018) e Thomé (2019, p.10), é necessário pautar, nas práticas pedagógicas, o enfrentamento ao preconceito, ao racismo e à xenofobia, especialmente quando se trata de crianças migrantes e refugiadas. No caso de muitas pessoas migrantes negras, como é a realidade de grande parte dos haitianos no Brasil, esses dois processos se articulam, fazendo com que as experiências de exclusão sejam ainda mais intensas no cotidiano social e educacional.

É por isso que afirmo: estar hoje em uma universidade pública, gratuita e de qualidade é fruto de um percurso e de uma construção social pessoal, singular sim, mas também é resultado de um processo maior, que envolve políticas institucionais e os desafios vividos pelos(as) estudantes imigrantes. Além disso, este trabalho não parte apenas de vivências individuais. Não foi somente a partir de um olhar que se aguçou durante o estágio da Educação Infantil, mas também da ampliação de minha compreensão sobre o tema, a partir da realização de um levantamento teórico, caracterizado como revisão de literatura, entendido como um “levantamento organizado das produções existentes sobre determinado tema”, que contribuiu para fundamentar a construção da pesquisa.

A partir desse processo, fui me aproximando de forma mais consciente e crítica da produção acadêmica, percebendo que a leitura não se resume apenas ao ato de reunir informações, mas envolve compreender, questionar e dialogar com diferentes perspectivas teóricas. Nesse movimento, comecei a reconhecer que muitas das situações que vivenciei e observei, especialmente no contexto da Educação Infantil, não são isoladas, mas fazem parte de questões estruturais que atravessam a educação, como as desigualdades sociais, culturais e raciais.

Essa aproximação com a teoria tem ampliado o meu olhar enquanto pesquisadora em formação, pois me permite sair de uma percepção mais imediata da realidade para uma compreensão mais aprofundada e fundamentada. Ao entrar em contato com diferentes autores e estudos, fui percebendo que minhas inquietações também são compartilhadas por outros pesquisadores, o que fortalece a relevância desta investigação e contribui para a construção de um olhar mais crítico sobre o campo educacional.

Além disso, esse processo tem sido fundamental para a construção da minha própria perspectiva de mundo e de sociedade, uma vez que me desafia a refletir sobre o papel da educação na produção ou no enfrentamento das desigualdades. Assim, a revisão de literatura deixa de ser apenas uma etapa metodológica e passa a se constituir como um espaço formativo, no qual minha trajetória pessoal se articula com o conhecimento acadêmico, contribuindo para a consolidação de uma prática pedagógica mais consciente, sensível e comprometida com a diversidade.

Na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), o acesso de estudantes haitianos foi possibilitado por meio do Programa de Acesso à Educação Superior para Estudantes Haitianos (PRÓ HAITI), criado em 2013 em parceria com a Embaixada do Haiti no Brasil. O Programa tem como objetivo contribuir com a integração dos imigrantes haitianos à sociedade local e nacional por meio do acesso aos cursos de graduação, a partir da oferta de vagas por processo seletivo especial (UFFS, 2013).

Todavia, as pesquisas apontam que o acesso à educação não se resume à garantia de matrícula. Segundo Ibañez (2020), é necessário que as instituições estejam preparadas para acolher estudantes migrantes, garantindo condições reais de permanência, como apoio linguístico, reconhecimento cultural e sensibilidade às suas experiências. Ou seja, o acesso não garante, por si só, um percurso sem dificuldades. Estar na universidade também significa enfrentar desafios constantes. Muitas vezes, nós, estudantes imigrantes, precisamos demonstrar continuamente nossa capacidade intelectual, como se estivéssemos sempre sendo colocados à prova. Em um contexto marcado por desigualdades, exclusões e preconceitos, permanecer na universidade também se torna uma forma de resistência.

Minha presença neste espaço, portanto, não é concessão, é conquista. É fruto do meu esforço, mas também da minha persistência diante das dificuldades e da necessidade contínua de afirmar meu lugar. Vivenciar esse lugar tem sido um processo que se constrói diariamente, entre desafios, aprendizados e afirmações constantes de quem eu sou e do porquê estou aqui.

Esse movimento é, ao mesmo tempo, individual e coletivo. Individual porque carrego minha própria história, minhas escolhas e os caminhos que precisei trilhar para chegar até aqui. Mas também coletivo, porque reconheço que minha trajetória é atravessada pelo apoio da minha família, que sempre acreditou na educação como caminho e esteve presente, mesmo diante das dificuldades, para que eu pudesse seguir estudando. Além da minha família, também encontrei apoio em pessoas que caminharam ao meu lado ao longo dessa trajetória, entre elas amigos, professores e pessoas que, mesmo sem laços de sangue, se tornaram uma

verdadeira família. Foram esses laços de cuidado, incentivo e responsabilidade compartilhada que sustentaram minha caminhada e tornaram possível minha permanência até aqui.

Sou filha mais velha, e essa posição me ensinou, desde cedo, a importância da responsabilidade, da escuta e do cuidado com o outro. Esses valores atravessam minha forma de compreender a educação e o meu papel como futura professora. Ao vivenciar esse espaço, percebo que esses aprendizados também orientam a maneira como me posiciono na universidade, nas relações que estabeleço, e na forma como compreendo o meu compromisso com uma educação que enxergue cada criança em sua realidade, sem apagar aquilo que ela é.

Minha história, marcada por deslocamentos e reconstruções, me sensibiliza para as experiências de crianças que, assim como eu, muitas vezes não se vêem representadas nos espaços escolares. Segundo Sarmiento; Marchi (2008) e Sarmiento (2013), os estudos da Sociologia da Infância defendem a necessidade de reconhecer as crianças como sujeitos ativos, questionando o adultocentrismo e valorizando suas experiências. Nessa perspectiva, este trabalho dialoga com essa abordagem ao considerar as crianças como participantes da construção de sentidos sobre o mundo.

Durante o estágio na Educação Infantil, esse olhar se intensificou. Ao conviver com crianças de diferentes origens, brasileiras de diversas regiões, haitianas e venezuelanas, percebi que a diversidade presente no cotidiano não se refletia nas práticas pedagógicas.

Considerando que a Educação Infantil corresponde à primeira etapa da Educação Básica, voltada à educação e cuidado de crianças de “0 a 5 anos”, torna-se fundamental que esse espaço reconheça e valorize a diversidade desde os primeiros anos de vida. Essa ausência não é apenas uma lacuna pedagógica, mas também uma forma de silenciamento. Quando determinadas culturas e identidades não aparecem no cotidiano da instituição, elas são, de certa forma, apagadas. E eu reconheço esse apagamento, porque ele também atravessa a minha própria trajetória.

Ao me aproximar das produções acadêmicas sobre o tema, fui compreendendo que a diversidade não pode ser entendida de forma superficial ou restrita apenas à valorização cultural. De modo geral, percebe-se uma ênfase nas dimensões culturais das infâncias (i)migrantes, o que, embora seja importante, também me provoca algumas inquietações.

Nesse processo de leitura, comecei a me perguntar: até que ponto estamos, de fato, considerando as múltiplas dimensões que atravessam a vida dessas crianças? Onde aparecem as discussões sobre desigualdades sociais, sobre as marcas do racismo e sobre as experiências de exclusão que também fazem parte de seus cotidianos?

Essas questões ampliaram meu olhar e me levaram a compreender que falar de diversidade na Educação Infantil exige ir além da valorização das diferenças culturais. Implica reconhecer que as infâncias são atravessadas por diferentes marcadores sociais como raça, origem, língua e condição social que se entrelaçam e influenciam suas experiências no espaço educativo.

Assim, mais do que incluir o que é diferente, torna-se necessário problematizar quais presenças são legitimadas, quais histórias são contadas e quais continuam sendo silenciadas. É nesse movimento que a Educação Infantil pode se constituir em um espaço que não apenas reconhece a diversidade, mas que também se compromete com a construção de relações mais justas e com o enfrentamento das desigualdades desde os primeiros anos de vida.

Como estudante imigrante, percebo que minha vivência pessoal se entrelaça com meu olhar pedagógico. Um episódio marcante foi o encontro com uma criança de meu país em um Centro de Educação Infantil (CEIM), localizado no bairro Efapi, durante a realização do Estágio Curricular Supervisionado em Educação Infantil. O bairro caracteriza-se pela proximidade de agroindústrias e de empresas que empregam um número significativo de trabalhadores imigrantes, o que também se reflete na presença de crianças imigrantes nas instituições de educação infantil da região. Ao me ver, ela demonstrou alegria e acolhimento. No entanto, o que mais me tocou não foi apenas esse reconhecimento afetivo, mas a constatação de uma profunda ausência da diversidade nas propostas pedagógicas.

O encontro, nesse sentido, revelou muito mais do que um momento de identificação. Ele evidenciou a importância da representatividade no espaço educativo e, ao mesmo tempo, expôs o quanto essa presença ainda é limitada no cotidiano das instituições. Um aspecto que me marcou foi observar a criança se alimentando com as mãos, um costume comum na cultura haitiana. Aquela cena, aparentemente simples, me fez refletir sobre como práticas culturais podem ser interpretadas de forma equivocada quando não são compreendidas em seu contexto.

Em muitos casos, uma criança que se alimenta com as mãos pode ser vista a partir de padrões impostos socialmente como alguém que “não tem boas maneiras”, desconsiderando que esses padrões não são universais, mas construções culturais. Esse tipo de olhar ignora a diversidade de formas de viver e de aprender, reforçando, ainda que de maneira sutil, processos de desvalorização e exclusão.

A partir desse encontro, passei a compreender que a identificação não se limita à aparência ou à origem, mas envolve também os modos de viver, de se expressar e de se relacionar com o mundo. Assim, reconhecer a diversidade implica não apenas aceitar a

presença do outro, mas questionar os critérios que definem o que precisa ser acolhido, respeitado e legitimado em contextos de educação infantil

Dessa forma, o encontro deixou de ser apenas uma experiência pontual e passou a se constituir como um marco na minha formação, ampliando meu olhar sobre o papel da Educação Infantil na construção de pertencimento e no reconhecimento das múltiplas infâncias.

Diante desse contexto, compreendo que o desenvolvimento integral das crianças depende do reconhecimento de suas histórias, culturas e saberes nos contextos educativos. Da mesma forma, compreendo que a construção de uma educação verdadeiramente inclusiva requer o reconhecimento da pluralidade das infâncias e a valorização das diferentes experiências culturais que atravessam a Educação Infantil.

As crianças observam, questionam, comparam e buscam compreender o mundo à sua volta. Suas curiosidades, expressas em palavras, gestos ou olhares, revelam tentativas de significar as diferenças. Quando essas diferenças não são acolhidas no contexto educativo, perde-se uma oportunidade fundamental de ampliar repertórios, promover o respeito e construir experiências mais inclusivas.

No entanto, muitas vezes, aquilo que é diferente é visto como dificuldade. Crianças que não dominam a língua portuguesa ou que trazem outras referências culturais acabam sendo rotuladas, silenciadas ou mal compreendidas. Esse tipo de olhar reforça desigualdades e compromete o processo de desenvolvimento e socialização.

Falar sobre diversidade na educação infantil, portanto, é falar sobre direito, reconhecimento e pertencimento. É garantir que cada criança possa existir plenamente, sendo respeitada em sua história, em sua cultura e em seu modo de ser.

Este trabalho nasce do entrelaçamento entre minha trajetória de vida e minha formação acadêmica. Inspirada na escrivência, proposta por Conceição Evaristo, compreendo que minhas experiências não estão separadas da produção de conhecimento; elas são parte dela. Ao narrar minha história, também construo reflexão.

Durante o estágio na Educação Infantil, meu olhar sobre a prática pedagógica passou por uma transformação significativa. Ao conviver com as crianças e observar a organização do cotidiano na instituição, algo começou a me inquietar: mesmo em uma turma composta por crianças de diferentes origens brasileiras de diversas regiões, haitianas e venezuelanas, percebi que essa diversidade cultural não estava representada nos planejamentos pedagógicos.

A pluralidade existente no cotidiano do grupo não se refletia nas histórias contadas, nas músicas cantadas, nos materiais utilizados e nem nas referências presentes nas propostas

pedagógicas. Era como se uma única forma de ser criança fosse considerada legítima, enquanto as demais fossem invisibilizadas. Isso contraria os princípios estabelecidos pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), que orientam a valorização das diferentes identidades culturais e o respeito às singularidades de cada criança (BRASIL, 2009).

Essa ausência não se refere apenas à falta de representatividade das crianças imigrantes, mas também ao silenciamento de outras matrizes culturais presentes na sociedade, como as histórias e epistemologias de povos originários e de matriz africana.

Quando esses elementos não estão presentes no cotidiano educativo, abre-se espaço para a manutenção de práticas de exclusão, preconceito e racismo, que vão na contramão do direito das crianças de constituírem-se em relação com diferentes culturas e de se reconhecerem nelas.

Isso levanta uma questão essencial: como ampliar o desenvolvimento integral, as experiências e os repertórios culturais das crianças, se suas curiosidades, saberes e necessidades não forem acolhidos e de fato reconhecidos em contextos educativo-pedagógicos?

Nas instituições de educação infantil, as crianças pequenas interagem, observam umas às outras e às/aos professoras(es) e expressam suas curiosidades de formas diversas, nem sempre por meio de perguntas diretas, como: “Por que o cabelo da professora é diferente do cabelo de alguma criança?” ou “Por que Maria fala português e João, espanhol?”. Essas curiosidades, expressas em olhares, gestos, movimentos e palavras, não surgem por acaso; elas refletem o desejo da criança de compreender o mundo à sua volta, construindo significados a partir dos contextos culturais em que estão inseridas, muitas vezes atravessados por preconceitos.

É justamente por meio da observação atenta e do reconhecimento da importância dessas situações que educadoras(es) podem promover e assegurar experiências significativas e aprendizagens diversificadas. Quando o espaço da educação infantil ignora essas diferenças étnico-culturais, perde-se uma grande oportunidade de ampliar horizontes e construir um ambiente verdadeiramente inclusivo.

No entanto, muitas vezes essas diferenças são vistas como obstáculos. Crianças que não falam fluentemente o português ou que trazem expressões culturais pouco compreendidas, como é o caso de muitas crianças da Venezuela e do Haiti que imigram para o Sul (Chapecó), acabam sendo rotuladas como tímidas ou com dificuldades de aprendizagem.

Em situações assim, o desconhecimento sobre a cultura do outro pode levar a interpretações equivocadas, silenciando a criança e prejudicando seu processo de socialização.

Segundo Abramowicz e Oliveira (2010, p. 51), é fundamental reconhecer a pluralidade das infâncias, considerando os diferentes contextos sociais, culturais e raciais vivenciados pelas crianças, o que exige das instituições educativas o enfrentamento da tendência à homogeneização das experiências infantis.

Falar sobre diversidade na infância, portanto, exige viabilizar uma inclusão real, efetiva. É assegurar que o contexto da educação infantil seja um espaço onde cada criança se constitua sabendo que sua história importa e que tem o direito de ser quem é. Uma educação comprometida com a democracia deve garantir a escuta e o reconhecimento das vozes infantis em toda a sua diversidade.

Este trabalho nasce do desejo de transformar esse olhar. Como futura educadora, quero desenvolver uma docência que valorize cada criança em sua individualidade, em sua cultura e em seu modo de existir no mundo. Almejo contribuir para uma educação infantil em que todas as crianças estrangeiras e brasileiras de todas as regiões, negras e indígenas, se vejam representadas e tenham participação ativa nas propostas pedagógicas, sentindo-se pertencentes e respeitadas.

Diante da crescente presença de crianças imigrantes nas escolas do Sul do país, como é o caso da cidade de Chapecó (SC), torna-se urgente repensar os sentidos de pertencimento, escuta, acolhimento e representatividade no contexto da Educação Infantil. O discurso de que "somos todos iguais", muitas vezes presente nos espaços escolares, tem contribuído para silenciar as diferenças e gerar exclusões sutis, porém persistentes.

Meu problema de pesquisa emerge dessas reflexões e consiste na seguinte pergunta: De que forma a literatura acadêmica da área de educação infantil discute a construção de práticas pedagógicas inclusivas, a valorização da diversidade e a representatividade cultural?

A partir dessa problematização, o objetivo geral desta pesquisa é analisar, na produção teórica da área da Educação Infantil, as propostas de educação e cuidado direcionadas a crianças imigrantes, com foco em práticas pedagógicas inclusivas e na valorização da pluralidade étnico-racial.

Esse movimento investigativo se desdobra nos seguintes objetivos específicos:

a) Mapear as produções acadêmicas acerca da educação e do cuidado de crianças imigrantes na Educação Infantil.

b) Investigar como a Educação Infantil tem acolhido crianças imigrantes, considerando aspectos como identidade, pertencimento e respeito às diferenças culturais.

c) Analisar as possibilidades e desafios apontados pela literatura acadêmica para a efetivação da representatividade cultural nas práticas pedagógicas.

d) Examinar como a formação inicial e continuada de professoras/es têm abordado a presença de crianças imigrantes e contribuído (ou não) para práticas pedagógicas inclusivas.

A escolha deste tema, portanto, é resultado daquilo que vivi, observei e senti no ambiente de uma instituição de educação infantil durante o estágio curricular. Acredito que é possível construir uma educação que abrace a diversidade como riqueza e como direito.

2 APROXIMAÇÕES À TEMÁTICA

Esta pesquisa propõe-se a discutir um problema estrutural e historicamente negligenciado: a invisibilidade e a marginalização de crianças imigrantes no contexto da Educação Infantil brasileira. Embora o Brasil seja reconhecido por sua diversidade cultural, essa pluralidade ainda não se traduz em políticas públicas efetivas e em práticas pedagógicas comprometidas com a equidade e o respeito às diferenças entre as infâncias.

Segundo análise de Daniel e Moro (2022, p. 84), a Educação Infantil no Brasil ainda reproduz uma lógica educacional centrada na cultura branca, cristã, urbana e de classe média. Essa perspectiva homogeneizadora, acaba por ignorar as particularidades culturais de crianças que não se encaixam nesse padrão, como é o caso das crianças imigrantes, o que contribui para o apagamento de suas vivências e a manutenção de desigualdades tanto materiais quanto simbólicas.

Da mesma forma, Nascimento e Moraes (2021, p. 530) destacam que as crianças imigrantes costumam ser vistas apenas como acompanhantes de seus responsáveis, sendo pouco reconhecidas como sujeitos de direitos nas propostas pedagógicas das instituições de Educação Infantil. Mesmo com os avanços garantidos por legislações nacionais e internacionais, a efetivação de uma educação que valorize a identidade cultural e a trajetória de vida dessas crianças ainda é um desafio.

Além disso, pouco se discute sobre a preparação dos professores para lidar com essas infâncias nas instituições educativas. As formações iniciais e continuadas muitas vezes não abordam a partir de uma perspectiva praxiológica e crítica o acolhimento das diversidades culturais, o que dificulta a construção de um ambiente verdadeiramente inclusivo e sensível às diferentes realidades que as crianças imigrantes carregam consigo.

Nesse ponto as reflexões de bell hooks (2013, p.17-18) ganham relevância. Ao afirmar que o espaço educativo deve ser um espaço de entusiasmo, troca e reconhecimento mútuo, a autora afirma que não basta valorizar apenas o professor: todos os sujeitos da comunidade escolar precisam ser ouvidos e reconhecidos. Isso significa que uma pedagogia crítica e transformadora só é possível quando a diversidade de vozes é considerada parte essencial do processo educativo. Assim como hooks propõe uma prática docente que ultrapasse modelos tradicionais, também é necessário que a Educação Infantil brasileira vá além da lógica homogeneizadora, para que crianças imigrantes não sejam silenciadas, mas sim reconhecidas e legitimadas nas instituições de educação infantil.

Assim, este trabalho busca reunir e analisar criticamente contribuições da literatura acadêmica com o intuito de fortalecer práticas pedagógicas inclusivas e comprometidas com o reconhecimento das infâncias migrantes como sujeitos de direitos, portadores de cultura e dignos de representatividade no espaço educativo.

A literatura acadêmica tem revelado importantes reflexões sobre a urgência de tornar a Educação Infantil um espaço de acolhimento e representatividade para crianças migrantes. O referencial teórico desta pesquisa baseia-se em autores que discutem criticamente as práticas pedagógicas e as relações de poder que atravessam a infância, especialmente no contexto da diversidade cultural e étnico-racial.

Daniel e Moro (2022, p. 81) argumentam que a organização curricular e os materiais pedagógicos utilizados na Educação Infantil ainda priorizam uma visão monocultural, que silencia vozes infantis divergentes da cultura dominante. As autoras afirmam que “a ausência de referências culturais plurais impede a construção de identidades positivas por parte de crianças que não se reconhecem no que lhes é apresentado como modelo de conhecimento e comportamento”. Essa invisibilização contribui para experiências de não pertencimento e fragiliza o desenvolvimento afetivo e social dessas crianças no espaço escolar.

Já Nascimento e Moraes (2021, p. 534) observam que, muitas vezes, a presença de crianças migrantes em instituições educativas é tratada de forma improvisada, sem preparo institucional. Para as autoras, “o acolhimento acontece de maneira espontânea e individualizada, dependendo da sensibilidade do professor e não de uma política pedagógica estruturada”. Isso revela uma lacuna importante na formação docente e nas diretrizes educacionais que deveriam garantir práticas pedagógicas mais equitativas e intencionalmente inclusivas.

As reflexões de bell hooks (2013, p.12-18) contribuem para ampliar esse debate ao destacar a diferença entre uma educação que reforça a dominação e outra que se constitui como prática da liberdade. Para a autora, quando a sala de aula é pensada como espaço comunitário, aumenta-se a possibilidade de criar vínculos de pertencimento e de promover uma aprendizagem significativa para todos. Essa visão dialoga diretamente com a necessidade de repensar os espaços da Educação Infantil, que ainda tratam crianças migrantes como “intrusas” ou “fora do lugar”, reproduzindo práticas de exclusão simbólica. Ao trazer a ideia de que o questionamento crítico deve ser parte essencial do processo pedagógico, hooks aponta para a importância de ouvir e legitimar as vozes infantis em sua pluralidade, garantindo que cada criança seja reconhecida como sujeito de cultura e de direitos.

Além disso, hooks (2013, p.21-22) também apresenta o ensino como um ato “teatral”, não no sentido de espetáculo, mas como prática criativa, flexível e aberta à interação. Essa metáfora reforça que ensinar exige expressividade, adaptação e diálogo constante com os alunos, reconhecendo as particularidades de cada grupo. Na Educação Infantil, essa perspectiva também se revela fundamental, pois cada agrupamento possui singularidades culturais e sociais que devem ser valorizadas. Assim como o professor “ajusta” sua voz para dialogar com diferentes sujeitos, no sentido de aproximar-se e encontrar formas de comunicar-se com as crianças, é preciso também construir práticas pedagógicas que façam sentido e tenham significado para elas, especialmente para as crianças imigrantes, possibilitando que se sintam sujeitos ativos do processo educativo-pedagógico.

Cristina Teodoro (2012, p. 120-121) destaca que a discussão sobre o currículo na Educação Infantil ganhou força a partir da década de 1990, sobretudo no que diz respeito à autonomia das instituições para organizarem suas práticas de acordo com as necessidades das crianças. Nesse sentido, a autora evidencia que a educação infantil fundamenta-se na compreensão de que educar e cuidar são indissociáveis, portanto, a forma de receber as crianças na chegada, o modo como são alimentadas, a organização dos momentos de descanso e a troca de fraldas, configuram-se como práticas pedagógicas que contribuem para a constituição da subjetividade, da autonomia e o desenvolvimento integral das crianças. Essas situações, muitas vezes vistas como secundárias ou menos importantes, são parte fundamental do trabalho docente, pois expressam o papel das/os professoras em promover o cuidado, o acolhimento e a valorização da diversidade cultural presente nos grupos. Assim, cuidado e educação são considerados complementares na educação infantil, estando diretamente relacionados à ampliação das experiências, repertórios culturais e à constituição individual e social das crianças.

Essa compreensão se aproxima da definição apresentada nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2009, p. 6), que entendem o currículo como “o conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, científico e tecnológico”. Apesar disso, observa-se que essas articulações ainda são frequentemente negligenciadas em muitas instituições. Surge, então, a necessidade de repensar as concepções históricas e sociais que ainda orientam a forma como entendemos a(s) infância(s) e o papel pedagógico das/os professoras de crianças de 0 a 5 anos.

Dessa forma, a produção teórica na área da Educação Infantil revela os desafios e as possibilidades de construir práticas pedagógicas que valorizem as singularidades de cada

criança, considerando o paradoxo de um país historicamente miscigenado como o Brasil, mas que ainda apresenta fragilidades na formulação de políticas públicas voltadas à diversidade cultural, à equidade na infância e à formação de professores para lidar com essas questões. Esse panorama evidencia a importância de práticas pedagógicas intencionais sensíveis e inclusivas, capazes de articular cuidado, acolhimento, ampliação e diversificação de experiências e repertórios culturais de forma integrada.

As leituras evidenciam que o desafio não está apenas na recepção das crianças imigrantes, mas na construção de um ambiente em que suas histórias, línguas, tradições e modos de ser sejam reconhecidos como parte legítima do cotidiano institucional. Nesse sentido, pensar em representatividade cultural na Educação Infantil é pensar em justiça, escuta e pertencimento.

Com base nesses aportes teóricos, esta pesquisa propõe-se a analisar como a produção acadêmica discute o papel das instituições educativas diante da diversidade cultural trazida pelas infâncias imigrantes e suas famílias, considerando a possibilidade de construção de práticas pedagógicas voltadas à valorização das diferenças.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Esta pesquisa foi desenvolvida a partir de uma abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico, com o propósito de compreender como a produção acadêmica tem discutido a representatividade cultural e o acolhimento de crianças imigrantes na Educação Infantil brasileira.

Segundo Daniel e Moro (2022, p. 79), a pesquisa bibliográfica é uma forma de reunir e interpretar criticamente contribuições já publicadas, permitindo analisar “como os discursos pedagógicos produzem verdades sobre as infâncias e sobre o que se espera delas nos espaços institucionais”. Nascimento e Moraes (2021, p. 537) também reforçam a importância da análise bibliográfica como instrumento para desnaturalizar práticas que excluem. Para as autoras, observar o que os textos acadêmicos revelam sobre o cotidiano educativo é essencial para “identificar as contradições entre o discurso da inclusão e a realidade das práticas que ainda negligenciam a diversidade étnico-racial”.

Nesse ponto, as contribuições de bell hooks (2013, p.17-18) permitem compreender a pesquisa não apenas como levantamento de dados, mas como prática crítica e política. Assim como a autora enfatiza que a sala de aula deve ser espaço de questionamento e liberdade, a análise bibliográfica aqui proposta também se coloca como um exercício de transgressão, na medida em que busca identificar fragilidades, denunciar exclusões e propor novas formas de olhar para a infância imigrante. Ler e interpretar a produção acadêmica, portanto, é entendido como um ato de resistência e de construção de caminhos para práticas pedagógicas mais justas.

A partir da delimitação do tema de pesquisa, foi possível obter orientações da bibliotecária-documentalista da UFFS, Daniele Rohr, com vistas à construção do mapeamento da produção teórica, mais especificamente sobre o uso da Plataforma CAPES para a busca de produções científicas relevantes. Desse modo, tornou-se possível realizar a busca dos artigos científicos na base de dados do Portal de Periódicos da CAPES, considerada uma base acadêmica segura e confiável. A busca considerou artigos publicados nos últimos dez anos, isto é, de 2015 a 2025.

Para a localização das produções, foram utilizados os seguintes descritores: educação infantil; infância; imigração; diversidade cultural; práticas pedagógicas inclusivas; formação de professores.

Após a busca na plataforma, foram lidos os títulos, resumos e a introdução dos trabalhos encontrados, visando a sua seleção e, na sequência, a leitura dos mesmos na íntegra.

A análise dos artigos foi orientada pelas questões de estudo do projeto considerando categorias como: práticas educativo-pedagógicas, invisibilização cultural, acolhimento e escuta das infâncias imigrantes, desafios na formação docente, entre outros que emergiram no processo de pesquisa. Os textos foram lidos e analisados de forma crítica, buscando identificar as principais contribuições, limites e contradições encontrados na literatura sobre o tema.

Ao adotar essa metodologia, pretendeu-se contribuir para a concretização de práticas educativas mais justas, plurais e representativas para crianças imigrantes, reconhecendo-as como sujeitos culturais, sociais e políticos desde a infância.

No campo metodológico, esta pesquisa também se apoiou em procedimentos sistemáticos de leitura e análise de textos acadêmicos, fundamentais para a compreensão e interpretação das produções analisadas. Nesse sentido, o processo de levantamento e análise das obras seguiu diferentes etapas. Inicialmente, realizou-se a leitura de reconhecimento, caracterizada por um contato preliminar com os textos, por meio da observação de títulos, sumários e estruturas gerais, com o objetivo de identificar sua relevância (Salvador, 1974, p. 71).

Em seguida, desenvolveu-se a leitura exploratória, entendida como uma etapa de verificação do conteúdo, permitindo analisar se os textos selecionados atendiam às necessidades da pesquisa (Salvador, 1974, p. 72-73). Posteriormente, realizou-se a leitura seletiva, na qual foram priorizadas apenas as informações diretamente relacionadas ao problema investigado, descartando-se conteúdos considerados secundários.

A etapa seguinte correspondeu à leitura reflexiva ou crítica, que implica um estudo mais aprofundado dos textos, buscando compreender não apenas o conteúdo, mas também os argumentos e as intenções dos autores (Salvador, 1974, p. 73-74). Nesse processo, foram mobilizadas operações que consistiram em “decompor o texto em suas partes constitutivas para melhor compreensão”, e a síntese, entendida como a reorganização dessas informações em um todo coerente.

Nesse processo, as orientações metodológicas de Salvador (1974) também contribuíram para ampliar meu olhar como pesquisadora, especialmente no exercício de compreender quais produções realmente dialogavam com o problema e com os objetivos desta pesquisa. A leitura interpretativa possibilitou ir além de uma compreensão superficial dos textos, permitindo analisar criticamente como as pesquisas discutem o acolhimento, a diversidade cultural, as práticas pedagógicas e os processos de invisibilização vivenciados por crianças imigrantes na Educação Infantil. Além disso, esse percurso de leitura e análise contribuiu para a construção da minha própria perspectiva crítica sobre educação, infância e

pertencimento, fazendo com que eu compreendesse a pesquisa como um espaço de reflexão e posicionamento diante das desigualdades presentes no contexto educacional.

Durante o processo de construção desta pesquisa, a ferramenta de inteligência artificial Chat GPT foi utilizada como apoio na revisão gramatical, na organização da escrita e na adequação do vocabulário acadêmico. Sua utilização contribuiu para tornar o texto mais claro e coerente, sem interferir na definição do tema, na seleção das referências, na análise dos dados ou nas interpretações realizadas. Dessa forma, as reflexões, análises e conclusões apresentadas ao longo deste trabalho são de responsabilidade exclusiva da autora.

A partir dos critérios apresentados, foi possível selecionar os trabalhos que compõem as análises de dados desta pesquisa, conforme apresentado no quadro abaixo:

Quadro 1 - Artigos científicos selecionados para análise

ANO	INSTITUIÇÃO	AUTORIA	TÍTULO DO ARTIGO	PALAVRAS CHAVE
2025	UFES	Jardielly Alencar Vasconcelos Martins; André da Silva Mello.	A produção acadêmico-científica da Educação sobre as imigrações no contexto da Educação Infantil.	Educação Infantil. Crianças. Imigração. Educação.
2024	UNOCHAPECÓ	Vanderleia Santolin. Márcia Luíza Pit dal Magro; Circe Mara Marques.	As interações culturais entre as crianças imigrantes com seus pares na educação infantil.	Criança imigrante, sociologia da infância, educação infantil.
2023	UFRGS	Andressa Guterres dos Santos; Sheyla Werner Freitas.	A docência com crianças em situação de imigrantes: potências e desafios na interlocução entre Brasil e Venezuela.	Imigrantes, Diversidade Étnica . Docência.Educação Infantil
2022	UERJ	Márcia de Souza dos Santos; Rosimária Aparecida Ruela Alves; Erica Esch Machado.	Relação família-escola de crianças imigrantes na educação infantil: o que as pesquisas (não) têm a dizer?	Educação Infantil; educação para imigrantes; fluxos migratórios; contemporâneos.
2022	UERJ	Fernanda Cargnin Gonçalves Daniel; Catarina Moro	Crianças (i)migrantes e educação infantil: o que dizem as pesquisas acadêmicas brasileira	Crianças imigrantes; educação infantil; pesquisas.

2021	UFSC	Adriana de Carvalho Alves Braga; João Clemente de Souza Neto; José Paulo Ferreira dos Santos.	Imigração e educação infantil: análise da relação entre a mãe e família a partir do relato de uma mãe boliviana	Educação para Imigrantes. Interculturalidade. Imigrantes bolivianos. Educação Infantil.
2021	UFGD	Gisele Romildes Maçaneiro; Cyntia Bailer.	Seus corpos vão falar de suas identidades”: discursos de profissionais da educação infantil face às relações étnico-raciais	Educação infantil. Relações étnico-raciais. Crianças haitianas. Formação docente.
2020	GEPSI	Maria Letícia Nascimento; Carolina Grandino Pereira de Moraes	(In) visibilidade das crianças imigrantes na cidade de São Paulo: questões para pensar a cidadania da pequena infância	Pequena Infância. Estudos Sociais da Infância. Imigração. Invisibilidade. Direitos das Crianças.
2020	FURB	Gisele Romildes Maçaneiro; Cyntia Bailer	Inquietudes de duas pesquisadoras quanto às reflexões de profissionais da Educação Infantil diante das relações étnico-raciais e o preconceito face aos imigrantes	Construção social. Educação infantil. Imigrantes. Relações Etnico-Raciais. Sociologia da infância.
2017	UFMT	Ivone Jesus Alexandre	Migração haitiana: um estudo etnográfico com crianças, pais e professores em escolas públicas de Sinop MT.	Migração. Criança. País. Professores.

Fonte: Plataforma on-line da CAPES. Endereço de busca: <https://www.periodicos.capes.gov.br/>

A partir dos procedimentos de busca e seleção descritos anteriormente, foram identificados 10 artigos científicos que compõem o conjunto de produções analisadas nesta pesquisa. Os estudos selecionados estão vinculados a diferentes instituições de ensino superior e grupos de pesquisa brasileiros, o que possibilitou o contato com distintas perspectivas teóricas e metodológicas sobre a educação de crianças imigrantes na Educação Infantil. Essa diversidade de produções contribuiu para ampliar a compreensão das discussões relacionadas ao acolhimento, à diversidade cultural, às relações étnico-raciais e às práticas pedagógicas inclusivas.

O levantamento da produção acadêmica, realizado nesta pesquisa, revelou um aspecto relevante acerca do tema investigado. Embora o recorte temporal estabelecido tenha contemplado o período de 2015 a 2025, não foram localizadas produções que atendessem aos critérios definidos nos primeiros anos desse intervalo. As pesquisas identificadas concentraram-se a partir de 2017, indicando que os estudos voltados às crianças imigrantes na Educação Infantil ainda constituem uma discussão recente no campo educacional. Essa constatação evidencia a necessidade de ampliar investigações que reconheçam essas crianças em sua alteridade, considerando suas histórias, culturas e experiências como dimensões constitutivas dos processos educativos.

Embora os estudos analisados tenham sido desenvolvidos em contextos distintos, foi possível identificar preocupações comuns entre os autores, especialmente no que se refere à garantia do direito à educação, ao reconhecimento das diferenças culturais e à construção de práticas educativas comprometidas com o respeito à diversidade. A partir dessas aproximações, organizei a análise dos dados buscando evidenciar os principais conceitos, desafios e contribuições presentes na produção acadêmica sobre a temática.

4 A EDUCAÇÃO E O CUIDADO DE CRIANÇAS IMIGRANTES E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: QUAIS OS ACHADOS DA PRODUÇÃO TEÓRICA?

Neste capítulo, apresento a análise da produção teórica selecionada para esta pesquisa, com o objetivo de compreender como a Educação Infantil tem discutido a educação e o cuidado de crianças imigrantes, especialmente no que se refere à construção de práticas pedagógicas inclusivas e à valorização da diversidade étnico-racial.

Considerando o propósito de identificar as contribuições mais recentes da produção acadêmica sobre a temática, a análise concentrou-se em estudos publicados entre os anos de 2017 e 2025. A escolha desse recorte temporal justifica-se pela intenção de compreender como as pesquisas produzidas nos últimos anos têm abordado os desafios e as possibilidades relacionados à presença crescente de crianças imigrantes nas instituições de Educação Infantil. Além disso, esse período contempla discussões desenvolvidas em um contexto marcado pela ampliação dos fluxos migratórios, pelo fortalecimento dos debates sobre interculturalidade, diversidade e direitos das crianças, bem como pela crescente preocupação com a construção de práticas educativas mais inclusivas e representativas.

Esse recorte permitiu identificar tendências, avanços e desafios presentes na produção científica recente, evidenciando como a literatura tem discutido questões relacionadas ao acolhimento, pertencimento e reconhecimento das diferenças culturais e raciais no contexto da infância.

Ao longo da análise, busco estabelecer diálogos entre as diferentes produções acadêmicas, evidenciando como a área tem problematizado questões relacionadas às barreiras linguísticas, às experiências de discriminação, aos processos de construção identitária, à participação das famílias, à interculturalidade e à escuta das crianças. Mais do que apresentar os estudos de forma isolada, procuro compreender de que maneira essas pesquisas contribuem para a construção de uma Educação Infantil que reconheça as múltiplas infâncias presentes no contexto contemporâneo e valorize os repertórios culturais, saberes, histórias e experiências que as crianças imigrantes trazem consigo. Nessa perspectiva, compreendo que a interculturalidade não envolve apenas o reconhecimento das culturas das crianças imigrantes, mas também a construção de práticas educativas que possibilitem a todas as crianças refletirem sobre as diferenças, as relações étnico-raciais e as desigualdades presentes na sociedade. Assim, a Educação Infantil assume um papel fundamental na promoção de experiências que contribuam para o desenvolvimento de atitudes de respeito, pertencimento e valorização da diversidade.

Ao analisar o estudo de Alexandre (2017) sobre a inserção de crianças haitianas na Educação Infantil, percebo que as experiências dessas crianças são marcadas por diferentes desafios relacionados ao processo migratório. Entre eles, destaca-se a questão linguística, uma vez que a dificuldade de comunicação em língua portuguesa pode limitar as interações e influenciar o processo de inclusão no ambiente institucional. O estudo também aponta que, muitas vezes, a língua materna da criança não é reconhecida como parte importante de sua trajetória, o que pode contribuir para seu silenciamento e para o enfraquecimento do sentimento de pertencimento.

Outro aspecto evidenciado pela pesquisa refere-se ao reconhecimento da cultura como uma forma de conhecimento que as crianças levam consigo para a instituição. Conforme destacam Abramowicz, Oliveira e Rodrigues (2010, p. 76), existe uma "mecânica racista que funciona em toda a engrenagem escolar", o que pode dificultar o acolhimento das diferenças. Nesse contexto, as crianças haitianas frequentemente são levadas a se adaptar aos padrões já estabelecidos pela, enquanto seus modos de viver, suas referências culturais e suas formas de expressão recebem pouca valorização no cotidiano educativo.

A leitura desse estudo também me permitiu compreender que a condição migratória não pode ser analisada separadamente das questões raciais. As autoras evidenciam que as crianças haitianas enfrentam situações de preconceito não apenas por serem estrangeiras, mas também por serem negras. Nesse sentido, os processos de racialização atravessam suas experiências desde os primeiros anos de vida e influenciam as relações construídas no espaço educativo.

Além disso, Alexandre (2017) aponta que o preconceito racial se manifesta na Educação Infantil, por meio de situações de exclusão nas brincadeiras e de rejeição entre as próprias crianças. Esses resultados reforçam a necessidade de compreender que as infâncias imigrantes são atravessadas não apenas por diferenças culturais e linguísticas, mas também por desigualdades raciais que precisam ser consideradas nas práticas pedagógicas.

Ao abordar o acolhimento de crianças imigrantes na Educação Infantil, Maçaneiro e Bailer (2020) chamam atenção para a necessidade de a instituição escolar voltar seu olhar também para as famílias. As autoras demonstram que o conhecimento das trajetórias, culturas e experiências familiares favorece a compreensão das identidades das crianças e possibilita a construção de práticas pedagógicas mais sensíveis à diversidade. Dessa forma, o acolhimento não se restringe à criança, mas envolve também o reconhecimento e a valorização de seu contexto familiar e cultural.

As autoras, deste outro trabalho selecionado, ressaltam que acolher não significa apenas receber a criança na instituição, mas reconhecer sua história. Para isso, torna-se importante que (as) professores(as) conheçam os contextos familiares, valorizando os saberes que a criança traz consigo e fortalecendo sua identidade no espaço educativo. Além disso, o estudo evidencia a necessidade de práticas pedagógicas comprometidas com a valorização da diversidade étnico-racial no cotidiano das instituições de educação infantil. Nesse sentido, Hall (2015, p. 9) esclarece que as identidades culturais correspondem aos aspectos que surgem do pertencimento a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e nacionais. Nessa mesma direção, Gomes (2005) destaca que a identidade é construída por meio das referências culturais presentes na linguagem, nos rituais, na alimentação, nas tradições e em outros elementos que marcam a condição humana. A partir dessas reflexões, compreendo a importância de que a Educação Infantil reconheça e valorize as diferentes referências culturais das crianças, o que inclui a presença de personagens negros nas histórias, a representatividade nos materiais pedagógicos, nos brinquedos e nas atividades desenvolvidas no cotidiano das instituições.

Ao analisar essa discussão, percebo que o acolhimento das crianças haitianas e de suas famílias aparece como um elemento central para a construção de relações mais inclusivas na Educação Infantil. As autoras destacam que esse processo envolve o reconhecimento da trajetória das crianças, de suas formas de comunicação, de seus costumes e dos conhecimentos construídos em seus contextos de origem. Nesse sentido, conhecer a realidade familiar torna-se uma forma de aproximar a instituição das experiências vividas pelas crianças e de fortalecer sua participação no cotidiano educativo.

Além disso, o estudo evidencia a importância da valorização da diversidade étnico-racial nas práticas pedagógicas. Ao dialogarem com Hall (2015) e Gomes (2005), as autoras evidenciam que a identidade é construída a partir de diferentes referências culturais que fazem parte da vida das crianças. Essa reflexão chama atenção para a necessidade de que tais referências estejam presentes nos materiais, nas histórias, nas brincadeiras e nas demais experiências propostas pela instituição, possibilitando que as crianças se reconheçam e sejam reconhecidas em sua diversidade.

Além disso, Nascimento e Moraes (2020, p. 441-442) afirmam em seu trabalho que, embora as crianças sejam reconhecidas legalmente como sujeitos de direitos pela Constituição Federal de 1988 e pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, a efetivação desses direitos no cotidiano das instituições ainda apresenta desafios, especialmente quando se trata de crianças imigrantes. As autoras ressaltam que os contextos de educação infantil, ocupam um lugar

central nesse processo, pois neles se tornam visíveis tanto as possibilidades de acolhimento quanto às situações de exclusão e invisibilização vivenciadas por essas crianças. (Nascimento e Moraes, 2020, p.445)

Nesse contexto, identifiquei que as diferenças culturais e linguísticas nem sempre são compreendidas como elementos que enriquecem as experiências educativas. Muitas vezes, os hábitos, os idiomas e os conhecimentos trazidos pelas crianças imigrantes são ignorados ou pouco valorizados, reforçando expectativas de adaptação aos padrões já estabelecidos pela instituição. As autoras apontam que essa postura pode dificultar o reconhecimento dessas crianças como sujeitos sociais, históricos e de direitos.

A análise desse estudo também me permite compreender a necessidade de práticas pedagógicas mais inclusivas, capazes de reconhecer as culturas como forma legítimas de conhecimento. Nesse sentido, a Educação Infantil é apresentada como um espaço privilegiado para promover o diálogo entre diferentes modos de viver, aprender e se relacionar com o mundo. Valorizar as experiências culturais das crianças imigrantes não significa apenas acolher suas diferenças, mas garantir seu direito à participação, ao pertencimento e ao reconhecimento no contexto educativo.

As falas de profissionais no texto de Marceneiro e Bailer (2021, p. 303) revelam, entretanto, que esse reconhecimento ainda encontra muitos obstáculos no cotidiano das instituições educativas. Enquanto algumas afirmam nunca ter presenciado situações de racismo, outras relatam episódios envolvendo comentários preconceituosos, a associação da cor de pele ao lápis rosa, e manifestações de rejeição direcionadas às crianças haitianas. Isso mostra como determinadas concepções e práticas dos adultos podem influenciar a construção da identidade das crianças e reforçar padrões racializados desde a infância. Esses relatos evidenciam como o racismo e a xenofobia podem ser naturalizados ou invisibilizados nas instituições, reforçando aquilo que Marceneiro e Bailer (2021, p. 306) identificam como a permanência de práticas marcadas pela branquitude e pelo eurocentrismo.

Também chamou minha atenção a forma como determinadas características das crianças haitianas são interpretadas pelas profissionais entrevistadas por Maçaneiro e Bailer (2021, p.306). Conforme evidenciam os depoimentos apresentados pelas autoras, comportamentos relacionados às dificuldades de comunicação e às diferenças culturais são, em alguns momentos, associados a ideias de isolamento ou agressividade. A partir dessa discussão, interpreto que a língua e a cultura, em vez de serem compreendidas como elementos constitutivos das identidades das crianças, podem acabar sendo percebidas como desafios para sua inserção e participação no contexto escolar. Além disso, os dados analisados

pelas autoras reforçam a importância de uma formação docente contínua, capaz de problematizar preconceitos e ampliar a compreensão sobre a diversidade étnico-racial presente na Educação Infantil.

Outro aspecto identificado no levantamento da produção acadêmica realizado por Gonçalves e Moro (2022, p. 86), refere-se às estratégias de acolhimento desenvolvidas no cotidiano das instituições de Educação Infantil. Ao analisar os estudos reunidos pelas autoras, identifiquei que muitas professoras buscam construir formas de aproximação com as crianças imigrantes por meio de recursos que favorecem a comunicação e a participação nas atividades propostas. Entre as estratégias mencionadas estão o uso de aplicativos de tradução, a adaptação de materiais para a língua de origem das famílias e a valorização das brincadeiras como forma de interação entre as crianças.

Nesse contexto, o brincar aparece como um importante meio de aproximação, possibilitando a construção de vínculos mesmo diante das barreiras linguísticas. A literatura aponta que as brincadeiras favorecem a participação das crianças imigrantes no cotidiano educativo e contribuem para processos de acolhimento e socialização. (Gonçalves e Moro, 2022, p.86)

Entretanto, o estudo também destaca que muitas dessas ações dependem da iniciativa individual das professoras, revelando a ausência de políticas institucionais mais amplas voltadas ao atendimento das crianças imigrantes. Essa discussão chama atenção para a necessidade de que o acolhimento e a valorização da diversidade sejam assumidos como compromissos coletivos da instituição, e não apenas como esforços pontuais dos profissionais. (Gonçalves e Moro, 2022, p.87)

Nessa mesma direção, o estudo dos(as) autores(as) Braga, Souza Neto e Santos (2021, p. 576) amplia a discussão ao destacar a importância da interculturalidade nas práticas pedagógicas desenvolvidas na Educação Infantil. Ao analisar a presença de crianças imigrantes nas instituições, as autoras enfatizam que a inclusão não se restringe ao acesso ou à permanência no espaço educativo, mas envolve a construção de propostas que promovam o diálogo entre diferentes culturas e formas de conhecimento. Um aspecto que considerei relevante refere-se à necessidade de reconhecer os saberes que as crianças trazem de seus contextos de origem. A pesquisa desses(as) autores(as), sugere que o currículo da Educação Infantil pode se constituir como um espaço de encontro entre diferentes experiências culturais, valorizando conhecimentos, histórias e modos de vida que, muitas vezes, permanecem invisibilizados nas práticas educativas.

Além disso, o estudo aponta que a construção de uma educação comprometida com a diversidade exige planejamento institucional e formação dos profissionais. Nesse sentido, a temática da imigração não deve aparecer apenas em momentos isolados ou em datas comemorativas, mas integrar de forma contínua as reflexões e ações desenvolvidas pela instituição. Tal perspectiva reforça a compreensão de que o reconhecimento das diferenças culturais constitui uma dimensão importante para a construção de práticas pedagógicas mais inclusivas e democráticas. (Braga, Souza Neto e Santos, 2021, p. 578)

Os achados apresentados por Santos, Alves e Machado (2022, p.11) mostram que, em muitos casos, as especificidades étnico-raciais, culturais e históricas dessas crianças não são consideradas nas propostas pedagógicas, contribuindo para que suas experiências permaneçam pouco reconhecidas no cotidiano escolar. Esse aspecto revela que a inclusão demanda não apenas a presença da criança na instituição, mas o reconhecimento de sua trajetória e de suas referências culturais.

Outro ponto relevante refere-se à forma como as produções analisadas compreendem a interculturalidade. De acordo com Braga (2019, p. 13) as práticas pedagógicas comprometidas com a diversidade precisam ir além da “simples adaptação” da criança imigrante à cultura dominante. Nessa perspectiva, a interculturalidade pressupõe relações de troca e aprendizagem entre diferentes grupos culturais, possibilitando que a escola também se transforme a partir dos conhecimentos e experiências trazidos pelas crianças e suas famílias.

O mapeamento de pesquisas, realizado por Santos, Alves e Machado (2022), mostra os desafios existentes no âmbito das relações sociais estabelecidas no ambiente educativo. Alguns trabalhos destacam situações de conflito, discriminação e exclusão vivenciada por crianças imigrantes, especialmente aquelas pertencentes a grupos racializados. Diante disso, compreendo que as práticas de cuidado na Educação Infantil devem incluir ações que promovam o respeito às diferenças e contribuam para o enfrentamento de manifestações de racismo e xenofobia no cotidiano das instituições. Além disso, a construção da identidade das crianças imigrantes ocorre em meio a diferentes referências culturais, produzindo processos de pertencimento que não se limitam a uma única cultura. Essa reflexão contribui para compreender a importância de ações pedagógicas que valorizem as identidades das crianças e favorecendo experiências que respeitem a diversidade cultural presente na Educação Infantil, contrapondo-se a outras que favorecem o abandono de suas origens..

Ao analisar o estudo de Nobre (2021), identifiquei contribuições relevantes para a discussão sobre a inclusão de crianças imigrantes na Educação Infantil. A autora problematiza perspectivas que tendem a posicionar essas crianças apenas como destinatárias de ações de

acolhimento, destacando a importância de reconhecê-las como sujeitos ativos nos processos educativos. Para sustentar essa reflexão, Nobre dialoga com diferentes referenciais teóricos, entre eles Santos e Freitas (2023, p.3), que defendem a necessidade de um olhar atento às experiências e formas de participação das crianças. Essa perspectiva contribui para compreender a instituição de Educação Infantil como um espaço de garantia de direitos e de construção de relações que favoreçam a participação de todas as crianças.

As autoras ressaltam a importância de recursos pedagógicos que possibilitem a aproximação entre diferentes culturas presentes no contexto educativo. Entre as experiências relatadas estão o uso de materiais bilíngues, de histórias em seus idiomas de origem e de estratégias que favorecem a comunicação entre crianças, famílias e profissionais. Mais do que superar barreiras linguísticas, essas práticas demonstram o reconhecimento das línguas e culturas de origem como elementos legítimos do processo educativo. (Santos e Freitas, 2023, p. 3-4)

Outro aspecto que chamou minha atenção refere-se ao protagonismo das próprias crianças na construção das experiências pedagógicas. Santos e Freitas (2023, p.6) mostram que a curiosidade, às perguntas e os interesses manifestados por elas podem se tornar pontos de partida para a elaboração de propostas que promovam o diálogo entre diferentes culturas. Nessa perspectiva, a diversidade deixa de ser compreendida como um desafio a ser administrado e passa a constituir uma possibilidade de ampliação dos repertórios culturais e das experiências de aprendizagem vivenciadas no cotidiano da Educação Infantil.

A compreensão das crianças imigrantes como sujeitos ativos nos processos educativos também aparece associada à necessidade de construir práticas que reconheçam suas formas de participação no cotidiano da Educação Infantil. (Satolin, Dal Magro e Marques, 2024). Nessa perspectiva, a escola é entendida não apenas como um espaço de acolhimento, mas como um contexto em que as crianças produzem sentidos, estabelecem relações e compartilham conhecimentos a partir de suas experiências culturais. As interações entre as próprias crianças assumem papel importante nesse processo, situações como rodas de conversa, narrativas literárias e momentos de troca favorecem o conhecimento de diferentes culturas e contribuem para a construção de relações pautadas no respeito às diferenças. Dessa forma, as propostas pedagógicas deixam de tratar a diversidade apenas como um tema a ser abordado e passam a incorporá-la como parte das experiências vividas no cotidiano institucional. (Satolin, Dal Magro e Marques, 2024, p.6).

Nessa mesma direção, o brincar emerge como uma dimensão significativa para a construção de vínculos e para a participação das crianças imigrantes. As brincadeiras

possibilitam formas de comunicação que ultrapassam a linguagem verbal e favorecem encontros entre crianças de diferentes origens, ampliando as possibilidades de interação e convivência. (Satolin, Dal Magro e Marques,2024, p.7).

Também ganha destaque a utilização de recursos pedagógicos que valorizam as línguas, histórias e referências culturais trazidas pelas crianças e suas famílias. A presença de materiais bilíngues, produções literárias em idiomas de origem e propostas construídas a partir das curiosidades manifestadas pelas próprias crianças contribui para ampliar os repertórios culturais do grupo e fortalecer o reconhecimento da diversidade no contexto educativo. (Satolin, Dal Magro e Marques,2024, p.19).

Outro aspecto que ganha relevância é a necessidade de considerar as crianças imigrantes como sujeitos capazes de expressar suas percepções sobre as experiências vividas no contexto de educação infantil, conforme apontam Martins e Mello (2025, p. 21). Nessa perspectiva, a escuta das vozes infantis aparece como um elemento fundamental para compreender como elas constroem relações de pertencimento, enfrentam desafios e atribuem significados aos processos migratórios.

Essa compreensão aproxima-se dos estudos da Sociologia da Infância, ao reconhecer as crianças como atores sociais que participam ativamente da construção de suas experiências. Mais do que observar suas dificuldades de “adaptação”, torna-se importante criar espaços em que possam manifestar sentimentos, opiniões e conhecimentos por meio de diferentes linguagens, como a fala, o desenho, as brincadeiras e outras formas de expressão presentes no cotidiano da Educação Infantil. (Martins e Mello (2025, p. 20).

Ao considerar essas manifestações das crianças, como fontes legítimas de conhecimento, ampliam-se as possibilidades de compreender como elas vivenciam as diferenças culturais e étnico-raciais no ambiente educativo. Esse movimento contribui para a construção de práticas pedagógicas mais sensíveis às suas necessidades e reforça a importância de uma educação comprometida com o reconhecimento da diversidade desde os primeiros anos de vida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este percurso de pesquisa me permitiu compreender que as discussões sobre a educação e o cuidado de crianças imigrantes na Educação Infantil são atravessadas por múltiplas dimensões, entre elas a língua, a cultura, as identidades, o pertencimento e as relações étnico-raciais. Ao analisar as produções teóricas selecionadas, percebi que a presença de crianças imigrantes nas instituições não garante, por si só, experiências de inclusão, reconhecimento e participação. Os estudos enfatizam que o acolhimento dessas crianças envolve desafios que ultrapassam as barreiras linguísticas, exigindo também o reconhecimento de suas histórias, culturas, saberes e formas de se expressar e viver.

As análises realizadas mostram que a língua aparece como um dos principais desafios enfrentados pelas crianças imigrantes nos contextos educativos. Em diferentes pesquisas, a dificuldade de comunicação em língua portuguesa foi apresentada como um fator que pode limitar as interações e influenciar o sentimento de pertencimento das crianças. Ao mesmo tempo, os estudos reforçam a importância de reconhecer a língua materna como parte constitutiva de suas identidades, evitando processos de silenciamento e apagamento cultural. Outro aspecto recorrente nas produções analisadas refere-se à valorização da diversidade cultural nas práticas pedagógicas. Os textos apontam a necessidade de que a Educação Infantil reconheça os conhecimentos, as experiências e as referências culturais que as crianças trazem consigo, compreendendo a cultura como uma dimensão importante da construção de identidades e aprendizagens. Nesse sentido, práticas fundamentadas na interculturalidade, na participação das famílias, na escuta das crianças e na ampliação da representatividade nos materiais pedagógicos aparecem como possibilidades para a construção de contextos educativos mais inclusivos.

As análises também evidenciaram que a condição migratória não pode ser compreendida separadamente das questões étnico-raciais. Em especial nos estudos sobre crianças haitianas, o racismo aparece como uma dimensão significativa das experiências vividas na Educação Infantil. As pesquisas mostram que situações de exclusão, estereótipos, preconceitos e processos de racialização podem estar presentes desde os primeiros anos de vida, influenciando as relações estabelecidas entre crianças, professores e famílias. Esse aspecto reforça a necessidade de práticas pedagógicas comprometidas não apenas com a valorização da diversidade cultural, mas também com o enfrentamento do racismo e da xenofobia nos espaços educativos.

No que se refere à formação docente, os estudos analisados indicam que ainda existem muitos desafios para a construção de práticas pedagógicas que contemplem as especificidades das infâncias migrantes. Embora muitas pesquisas apontem iniciativas de acolhimento desenvolvidas pelas próprias instituições e profissionais, observa-se que essas ações frequentemente dependem de esforços individuais, evidenciando a necessidade de políticas públicas e processos formativos que ofereçam maior suporte às professoras e aos professores que atuam com crianças migrantes.

Ao longo da pesquisa, também identifiquei algumas lacunas na produção teórica analisada. Embora os estudos apresentem importantes contribuições para a compreensão das experiências de crianças migrantes na Educação Infantil, ainda são menos frequentes pesquisas que dão centralidade às vozes das próprias crianças, investigando como elas percebem os processos de acolhimento, pertencimento e participação nos contextos educativos. Da mesma forma, observei que ainda há espaço para aprofundar as discussões sobre as relações entre migração, infância e questões étnico-raciais, especialmente no que se refere às práticas pedagógicas desenvolvidas no cotidiano das instituições.

Essas reflexões não encerram o debate, mas afirmam a importância de ampliar as pesquisas sobre a temática. Considero que compreender as experiências das crianças migrantes na Educação Infantil exige um olhar atento para suas múltiplas formas de existir, reconhecendo-as como sujeitos de direitos, portadoras de histórias, culturas e saberes que enriquecem os contextos educativos. Mais do que garantir o acesso à instituição, trata-se de construir práticas pedagógicas que promovam pertencimento, reconhecimento e respeito à diversidade desde os primeiros anos de vida.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, A. & OLIVEIRA, F. Infância, raça e participação. Educação em Revista. Belo Horizonte (MG), FaE/UFMG, v. 26, n. 2, ago. 2010.

ALEXANDRE, Ivone Jesus; ABRAMOWICZ, Anete. Migrantes do Haiti: um estudo sobre a inserção das crianças nas instituições escolares de Sinop MT. Périplos - Revista de Pesquisa sobre Migrações. Brasília, v. 01, n. 01, p. 187-194, 2017., n. 69, p. 77-87, abr./jun. 2022.

ABRAMOWICZ, A. RODRIGUES, Tatiane Cosentino, CRUZ, Ana C.J. A diferença e a diversidade na educação. Revista Contemporânea. Dossiê Relações raciais e Ação Afirmativa. No. 02, jul-dez, 2011, p.85-97.

ALCUBIERRE, K. S. L. Crianças migrantes: sentidos e memórias da objetividade vivida. 2017. 285 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2017.

BRASIL. Presidência da República. Lei 13.445, de 24 de maio de 2017. Institui a Lei de Migração. Disponível em Acesso em 12 de setembro de 2019.

BRASIL/MEC/SEB. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: MEC, 2009

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação (CNE). Dispõe sobre o direito de matrícula de crianças e adolescentes migrantes, refugiados, apátridas e solicitantes de refúgio no sistema público de ensino brasileiro. Resolução n. 1, de 13 de novembro de 2020. Disponível em: . Acesso em: 27 fev. 2022

BRASIL. Universidade Federal da Fronteira Sul. Conselho Universitário. Resolução nº 32/CONSUNI/UFFS/2013. Institui o Programa de Acesso à Educação Superior para Estudantes Haitianos (PRÓ-HAITI) no âmbito da UFFS. Chapecó, SC: UFFS, 2013. Disponível em: <https://www.uffs.edu.br>. Acesso em: 20 jun. 2026.

DIAS, Lucimar Rosa. Considerações para uma educação que promova a igualdade étnico-racial das crianças nas creches e pré-escolas. Revista Eletrônica de Educação, São Carlos, v. 9, n. 2, p. 567-595, 2015.

DANIEL, Fernanda Cargnin Gonçalves; MORO, Catarina. Crianças imigrantes e educação infantil: o que dizem as pesquisas acadêmicas brasileiras. Revista Teias, Rio de Janeiro, v. 23, n.69. 2022.

GOMES, Nilma Lino. Diversidade e Currículo. In: Indagações sobre currículo: diversidade e currículo. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

GOMES, Nilma Lino. Educação e relações raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação. In: MUNANGA, Kabengele (org.). Superando o Racismo na escola. 2. ed. Brasília, DF: MEC/Secadi, 2005. p.143-154.

GOMES, Nilma Lino. Relações Étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. *Currículo sem Fronteiras*, v. 12, n. 1, p. 98-109, 2012. Disponível em: . Acesso em: 20 set. 2020.

hooks, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

MAÇANEIRO, Gisele Romildes. “Somos todos iguais”: narrativas de profissionais de educação infantil de Florianópolis face à presença de crianças haitianas. 137 f. Dissertação, Mestrado em Educação, Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 26/04/2021.

MORAIS, Carolina Grandino Pereira de. O cotidiano de crianças imigrantes em escolas de Educação Infantil na cidade de São Paulo. Relatório de Atividades de Pesquisa de Iniciação Científica. Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo. Jun. 2019

MOTTA, Flávia Naethe. Notas sobre o acolhimento. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 30, n. 4, p. 205-228, 2014.

NASCIMENTO, Maria Letícia Barros Pedroso e MORAIS, Carolina Grandino Pereira de. Sobre migração internacional, crianças pequenas e educação infantil: algumas questões. *Zero-a-Seis*, Florianópolis, v. 23, n. 43, p. 524-542, jan./jun., 2021. Universidade Federal de Santa Catarina.

NASCIMENTO, Maria Letícia Barros Pedroso et al. Infância e Sociologia da infância: entre a invisibilidade e a voz. Relatório Científico. São Paulo: FEUSP/ CNPq, 2013.

NASCIMENTO, Maria Letícia; MORAIS, Carolina Grandino Pereira de. (In) visibilidade das crianças imigrantes na cidade de São Paulo: questões para pensar a cidadania da pequena infância. *Espaço Pedagógico: Passo Fundo*, v. 27, n. 2, p. 437-458, maio/ago. 2020.

NOBRE, Jeruza dos Santos. O livro infantil em CAA: intersecções entre língua familiar e língua de acolhimento. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/233642/001135491.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 18 jan. 2023.

SANTOS, S. V. S.; SILVA, I. O. Crianças na educação infantil: a escola como lugar de experiência social. *Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 42, n. 1, jan./mar. 2016, p. 131-150. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/P4VsRVFtJyFWp9mTnLrx9Hm/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 20 jun. 2022.

SALVADOR, Ângelo Domingos. Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica. Porto Alegre: Sulina, 1986.

SILLER, Rosali Rauta. Crianças, infâncias e migrações: a vez e a voz das crianças migrantes. 200 f. Tese, Doutorado em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 01/09/2011.

SILVERIO, Valter, TRINIDAD, Cristina T. Há algo novo a se dizer sobre as relações raciais no Brasil contemporâneo? *REduc. Soc.*, Campinas, v. 33, n. 120, p. 891-914, jul.-set. 2012. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em 04/07/2017.

SARMENTO, Manuel; SOARES, Natália; TOMÁS, Catarina. Participação social e cidadania activa das crianças. *Círculos de Discussão Temática – Infância*. IV Encontro Internacional do Fórum Paulo Freire. Porto, 2004 Disponível em: http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/3842/1/FPF_PTPF_01_0563.pdf. Acesso em: 12 set. 2019

TRINIDAD, Cristina Teodoro. Diversidade étnico-racial: por uma prática pedagógica na educação infantil. In: BENTO, Maria Aparecida Silva (org.). *Educação infantil, igualdade racial e diversidade : aspectos políticos, jurídicos, conceituais*. São Paulo : Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades - CEERT, 2012

LEITURAS BRASILEIRAS. Conceição Evaristo | Escrivivência. 2020. 1 vídeo (23 min 18 s). Publicado pelo canal Leituras Brasileiras. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY>. Acesso em: 20 jun. 2026.